

“PROJETO VIVÊNCIAS: PRODUZINDO SENTIDOS NA ESCOLA PAULO FREIRE”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE VERBETES QUE DERAM VOZ AOS ESTUDANTES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO

Gabriela Gonçalves Ribeiro¹
Verli Petri²

Resumo: O “projeto vivências: produzindo sentidos na escola Paulo Freire” surgiu com o objetivo de produzir verbetes partindo das expressões e palavras usadas pelos alunos, registrando suas vivências em um livreto que foi construído ao longo das atividades. No presente artigo, buscaremos apresentar o projeto, e através da análise de discurso pecheuxtiana, construir uma análise dos verbetes “racismo” e “sonho”, com o propósito de identificar como ocorre a tomada de posição e a autoria dos alunos, em comparação aos sentidos já estabelecidos anteriormente para essas palavras.

Palavras-chave: Autoria compartilhada. Análise de Discurso. Escola. Projeto de extensão.

“PROJETO VIVÊNCIAS: PRODUCING MEANINGS IN PAULO FREIRE SCHOOL”: A DISCOURS ANALYSIS OF ENTRIES THAT GAVE VOICE TO STUDENTS IN THE TRAINING PROCESS

Abstract: The “Projeto vivências: producing meanings at Paulo Freire school” emerged with the aim of producing entries based on the expressions and words used by students, recording their experiences in a booklet that was constructed throughout the activities. In this article, we will seek to present the project, and through Pecheuxtian discours analysis, construct na analysis of the entries “racism” and “dream”, with the purpose of identifying how students take a position and authorship, in comparison to the meanings previously established of the same words.

Key-words: Shared authorship. Discours analysis. School. Extension Project.

1 Mestranda da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: gabrielaggr4@gmail.com

2 Doutado em Letras – UFRGS, professora do Programa de Pós-graduação em Letras. Bolsista Produtividade CNPq (P2). E-mail verli.petri72@gmail.com

Palavras iniciais

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra”, já nos ensinava o mestre Paulo Freire e isso ressoa no “chão da escola” todos os dias do ano letivo. Nós, profissionais de Letras, somos sensíveis a essa realidade, estudamos muito para didatizar conteúdos e alcançar, pela leitura, nossas crianças e jovens. Colada a essa noção de leitura estamos propondo que compareça no “chão da escola” a noção de autoria. O sujeito-leitor em relação com o sujeito-autor, um sujeito que se apropria de sua língua e das práticas sociais que fazem dele quem ele é, sujeito histórico dotado de inconsciente e interpelado ideologicamente.

Tomando como base teórica e metodológica a Análise de Discurso Pecheuxiana, apresentamos, neste artigo, os resultados que obtivemos com um projeto desenvolvido na escola no ano de 2022, propondo a análise de dois verbetes produzidos de modo compartilhado pelo grupo de alunos envolvidos. Os verbetes são “racismo” e “sonho”.

Sobre o “Vivências”

Paulo Freire empresta seu nome à Escola Estadual de Ensino Fundamental³ – localizada na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul – que recebe alunos em condições de vulnerabilidade social (que tiveram algum tipo de passagem pela FASE⁴), acolhendo-os e encaminhando-os para a socialização, e é nela que o grupo de graduandos e pós-graduandos de Letras da UFSM⁵, capitaneados pela Profa. Verli

3 Agradecemos à Diretora da Escola, Profa. Maria Cândida Marques de Mello, e ao corpo docente como um todo pela receptividade e o apoio ao projeto.

4 Cf: <<https://www.fase.rs.gov.br/quem-somos>> acesso em 22 de fevereiro de 2023.

5 Participantes do projeto: Denise Machado Pinto (Doutorado/UFSM); Gabriela Gonçalves Ribeiro (Mestrado/UFSM); Luana Vargas Aquino (Mestrado/UFSM); Maiara Albuquerque de Aguiar (Graduação/UFSM); Robson Severo de Souza (Graduação/UFSM); Thais Costa da Silva (Doutorado/UFSM).

Petri, propôs-se a trabalhar principalmente com questões de autoria, para incentivá-los a buscar seu lugar no mundo na e pela linguagem.

O “Projeto Vivências: produzindo sentidos na escola Paulo Freire”⁶ teve início em março de 2022, juntamente com a retomada das aulas presenciais após a pandemia de COVID-19 que havia afastado os alunos do espaço físico da escola Paulo Freire. Os encontros com os alunos ocorreram a cada quinze dias, onde o grupo de trabalho se reunia com os pré-adolescentes e adolescentes, que tinham idade entre 13 e 16 anos, para a realização de atividades envolvendo elementos lúdicos, relacionadas à leitura e principalmente a produção textual. Cerca de 15 alunos participaram ativamente das atividades do projeto durante todo o ano de 2022, cada encontro partia de uma nova proposta de atividade, que poderia ter como motivador um vídeo, uma brincadeira, uma conversa, uma música⁷. Sempre buscando instigar esse lugar de autoria e reflexão. A cada encontro, novos verbetes surgiam, e os alunos aos poucos passaram a trabalhar com essas palavras de forma mais confortável, gerando discussões em grupo que permitiam que eles elaborassem diferentes sentidos para cada palavra. Durante todo o ano de 2022, os alunos foram guiados pelos participantes do projeto para um processo de desconstrução do dicionário, no qual cada aluno, aos poucos compreendeu que o dicionário não contém todas as palavras, e muito menos todos os significados, instigando-os a falar sobre o que tinham conhecimento para além dos dicionários que estavam ali. A cada encontro, buscávamos incentivar o contato com o dicionário, de maneira crítica, observando-o e ao mesmo tempo questionando-o, pondo-o em relação aos significados que foram construídos por eles a cada verbe.

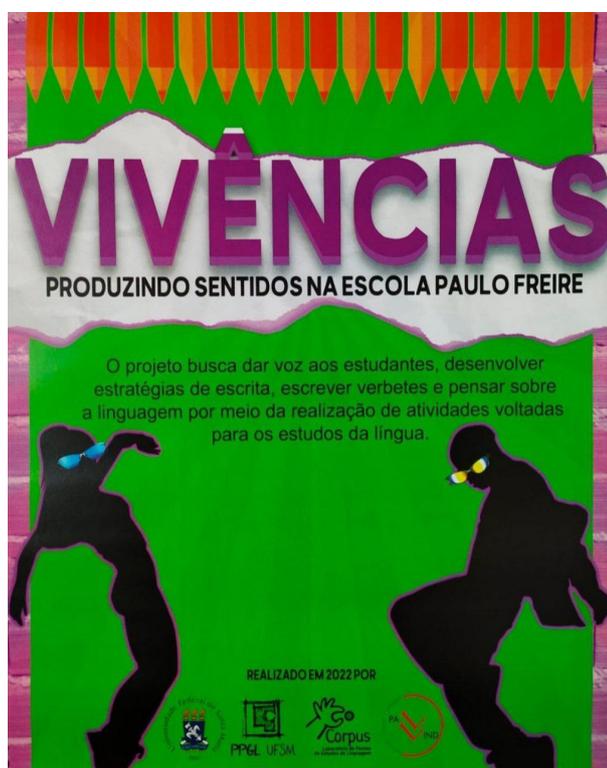
Ao juntar todos os verbetes que

6 O projeto vivências: produzindo sentidos na escola Paulo Freire está registrado no GAP da UFSM sob o número 058229.

7 Cf: Titás – O pulso <https://www.youtube.com/watch?v=4Nb7B1N-fdk&ab_channel=PiccolaBimba1011Fl%C3%A1Benedetti>.

foram sendo desenvolvidos ao longo do projeto, construímos um livreto, um dicionário compartilhado que foi construído pelos alunos, com o objetivo de valorizar a autoria de cada um e, mais do que isso, reforçar a questão da aproximação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. O livreto, com ilustrações feitas pelos alunos, foi lançado na Universidade, com uma sessão solene de autógrafos, para que esses alunos pudessem observar o fruto de um ano de trabalho, da busca pela conscientização da autoria, de dar a voz para que outros sentidos circulem sobre as palavras. O dicionário foi lançado no dia 12 de dezembro de 2022, no miniauditório do PPGL, contendo 36 verbetes construídos pelos alunos da Escola Paulo Freire, com ilustrações desenvolvidas por eles, reafirmando esse lugar e essa voz do lugar que eles representam ao estar em ressocialização. Eis a imagem da capa do livreto:

Figura 1 – Capa do livreto “Projeto Vivências: produzindo sentidos na escola Paulo Freire”⁸



Entre os resultados alcançados pelo

8 Capa desenvolvida por Robson Severo de Souza, graduando em Letras – licenciatura da UFSM e participante do projeto Vivências: produzindo sentidos na Escola Paulo Freire.

projeto está o livreto⁹ contendo os verbetes, e a desmistificação dos dicionários como sendo os livros que contêm todos os sentidos de uma palavra. E principalmente a tomada de posição e o reconhecimento da autoria que os alunos obtiveram após as atividades preparadas pelo grupo, que envolviam desde músicas até passeios no ambiente da universidade, como a biblioteca, o planetário da UFSM, o Laboratório de Arqueologia, sociedade e cultura das Américas, proporcionando aos alunos esse contato com um novo ambiente. Em nossa avaliação, o projeto contribuiu para a formação da cidadania, inserindo esses jovens no espaço da leitura, da autoria e da produção de sentidos, seja na escola, na comunidade ou na Universidade.

Sobre a produção do conhecimento sobre a língua

Estamos pensando na escola para além do que preconiza a BNCC ou os PCNs; estamos pensando na escola como espaço de produção de sentidos e de formação de cidadãos capazes de lutarem pelo que acreditam. O ponto de partida para as pesquisas, do Grupo PALLIND10, em Análise de Discurso, tem sido o sujeito, categoria analítica que tem contribuído para a compreensão de como se realizam efetivamente as práticas sociais. Para entender os processos de produção de sentidos em diversas materialidades discursivas, sempre levamos em conta o que Michel Pêcheux nos ensinou sobre a noção de discurso: “que implica que não se trata necessa-

9 A publicação deste livreto, em formato impresso, só foi possível porque obtivemos apoio financeiro do Edital Universal do CNPq, processo número 407078/2021-5, para o período de 2022-2025.

10 O Grupo de Estudos PALLIND - Palavra, Língua, Discurso foi fundado em março de 2018. O grupo é coordenado pela Prof^a. Verli Petri, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM, Área de Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História; e objetiva realizar reuniões periódicas (quinzenais), com os orientandos da coordenadora e demais interessados, para discutir textos em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Em cinco anos, já desenvolveu vários projetos, buscando estabelecer relações entre ensino, pesquisa e extensão, construindo saberes sobre a língua e o discurso, com base nos estudos da palavra.

riamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX [1969], 2019, p. 39). Sabe-se que esta definição de Pêcheux está posta, justamente, para contrapor o que vinha sendo desenvolvido pela Teoria da Informação que preconizava a mensagem como transmissão de informação, pressupondo um “emissor” e um “receptor”. Nossas crianças e jovens não são receptores, eles são interlocutores. É preciso dar voz, dar existência para esses alunos.

De acordo com Petri, “ensinar a língua é trabalhar com o sentido de pertencimento de um povo que constrói uma identidade própria reconhecendo-se nas relações com o outro, pela alteridade que lhe é constitutiva” (PETRI, 2010, p. 7). A língua ensinada na escola precisa significar. A noção de discurso pecheuxtiana traz desde sempre o imbricamento da noção de sentido. O sentido como algo que não está dado previamente e que se realiza enquanto efeito, no momento mesmo de sua produção, no encontro/desencontro/reencontro dos interlocutores. Assim, a mensagem sai do centro das atenções e o efeito de sentidos entre os sujeitos passa a ser objeto de estudo da maior relevância, se é nosso objeto de estudo na Universidade deverá comparecer de alguma forma e, em tempo, no espaço escolar.

A realidade de sala de aula dos professores de Língua Portuguesa, na maioria das vezes, é assolada por uma sobrecarga de horas-aula, de cadernos e redações a corrigir. No ano de retomada do ensino presencial, os desafios foram ainda maiores. Entendemos que essa realidade ofusca muitos sonhos e ideais do professor de língua, dificultando a produção de “um outro olhar” sobre os objetos de que dispõem para ensinar. É preciso levar em conta a realidade social, uma realidade inegável que nos incomoda e nos move na direção de fazermos o que está ao nosso alcance para movimentar um pouco esse quadro.

O Projeto de Extensão, registrado na UFSM, intitulado “Vivências: produzindo sentidos na Escola Paulo Freire”, tem sido um espaço possível para desconstrução da ideia de dicionário como “interdito da dúvida” ou “amansa-burros”. Nosso esforço consiste em colocar os sujeitos em relação de diálogo, de negociação de sentidos, até que se chegue à formulação de um verbete “com autoria compartilhada”. É preciso lançar “um outro olhar” sobre o dicionário e para que possamos trabalhar, de fato, com a produção de sentidos, precisamos exercer nosso direito de crítica e defender o direito de nossos alunos de terem acesso às “metáforas”. O sujeito que é capaz da “metáfora” é mais do que um mero reproduzidor de ideias, ele trabalha no espaço possível da transformação, espaço no qual os sentidos podem ser outros (ORLANDI, 2007a).

A produção de verbetes: espaço de autoria

Um dos principais objetivos do projeto foi proporcionar aos alunos da escola essa descoberta do espaço da autoria, incentivando-os por meio das atividades lúdicas, fazendo com que eles pudessem perceber que poderiam ser autores, usando essa voz com o propósito de mostrar a realidade que muitas vezes é negligenciada pela sociedade, que não dá destaque às vozes vindas da periferia, das pessoas que estão à margem das políticas públicas e em situação de vulnerabilidade.

Para refletir sobre autoria, nos embasamos em Orlandi (2007a), pois para ela a função-autor ocorre quando o produtor da linguagem se coloca na “origem” ao produzir o texto como unidade, inscrevendo-se no interdiscurso e historicizando seu dizer. Foi essa tomada de posição do sujeito que tentamos provocar nos alunos que participaram do Projeto Vivências, trazendo por meio das suas experiências, essa voz, ocupando esse lugar no interdiscurso. Durante o projeto, as palavras que se tornariam verbetes foram escolhidas pelos alunos e também

formuladas por eles, de modo compartilhado, inspirados na “partilha do sensível”, de Rancière (2005). Ao grupo de extensionistas cabia o papel de registrar o que era dito e escrito, uma vez que a ideia principal era também construir um dicionário compartilhado, em consonância com o que preconiza Biazus (2019), colocando em funcionamento a escrita coletiva na qual todos fazem parte da autoria compartilhada.

Ao tomar uma posição, o sujeito sustenta seu dizer no já-dito, colocando em funcionamento a noção de pré-construído (PÊCHEUX, [1975] 1995). Um dos verbetes produzidos pelo grupo foi “racismo”. A partir deste verbete podemos entender que:

[...] que o dizível é o repetível, ou melhor, tem como condição a repetição. Não porque é o mesmo, mas é o que é passível de interpretação: o que é passível de ser repetido, efeito de pré-construído (já dito) em relação com o interdiscurso. Se insistimos em falar dessa função-autor, é porque nela aparece de forma mais visível o efeito da historicidade inscrita na linguagem, e torna, conseqüentemente, mais claros certos aspectos da interpretação (ORLANDI, 2007a, p. 71).

A definição do verbete “racismo”, elaborada pelos alunos, explicita saberes em circulação no interdiscurso e que comparecem na formulação para resgatar o que já está no pré-construído e, por isso mesmo, evidenciar ainda mais os sentidos que tal palavra produz naquele grupo social, buscando seu significado no interdiscurso e estabelecendo relações com as suas experiências coletivas.

Sobre o verbete “racismo”

Recortamos o verbete “racismo” do interior do livreto como imagem, pois assim podemos observar também a ilustração produzida pelos autores como a que melhor expressa os sentimentos deles em relação às práticas racistas

Na imagem, podemos ver a definição da palavra “racismo”, elaborada pelo grupo de alu-

nos, e nos salta aos olhos esse resgate do que há de pré-construído sobre os sentidos em funcionamento. O que há de “repetido” ressoa do interdiscurso e é justamente o que faz com que o efeito da historicidade dessa palavra apareça. Orlandi (2007a) observa que, para que uma palavra faça sentido é necessário que ela já tenha sentido, ou seja, no caso da palavra racismo, assim como de tantas outras, o sentido só existe porque anteriormente a ele existiam outras formulações, que juntas constituem uma história dos sentidos. Nas palavras da autora:

Toda a fala resulta assim de um efeito de sustentação no já dito, que por sua vez, só funciona quando as vozes que poderiam se identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do anonimato e da universalidade. Ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história. Esse é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível. Dessa ilusão resulta o movimento da identidade e o movimento dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se transformam, eles deslocam seu lugar na rede de filiações históricas, eles se projetam em novos sentidos (ORLANDI, 2007a, p. 71-72).

Partindo do que estabelece Orlandi, podemos compreender que o sujeito tem a ilusão de ser a origem de seu dizer, e que sem isso não seria possível que o dizer se constituísse e muito menos que os alunos ocupassem esse lugar de autoria. O que nos impacta nessa formulação do verbete “racismo” é que, depois de tantos anos do fim da escravidão no Brasil, nossas crianças e jovens vivenciam isso diariamente. Não é só na ordem do discurso que observamos a repetição, é também, e principalmente, nas práticas sociais. A ilustração apresenta dois sujeitos com a mesma cor da pele, mas um humilha o outro. Quem é vítima do preconceito não dá ênfase para as diferenças de raça, mas sofre com a discriminação por sua condição.

A força da autoria desses jovens se potencializa quando vamos ao dicionário disponibi-

Figura 2 – Verbete Racismo

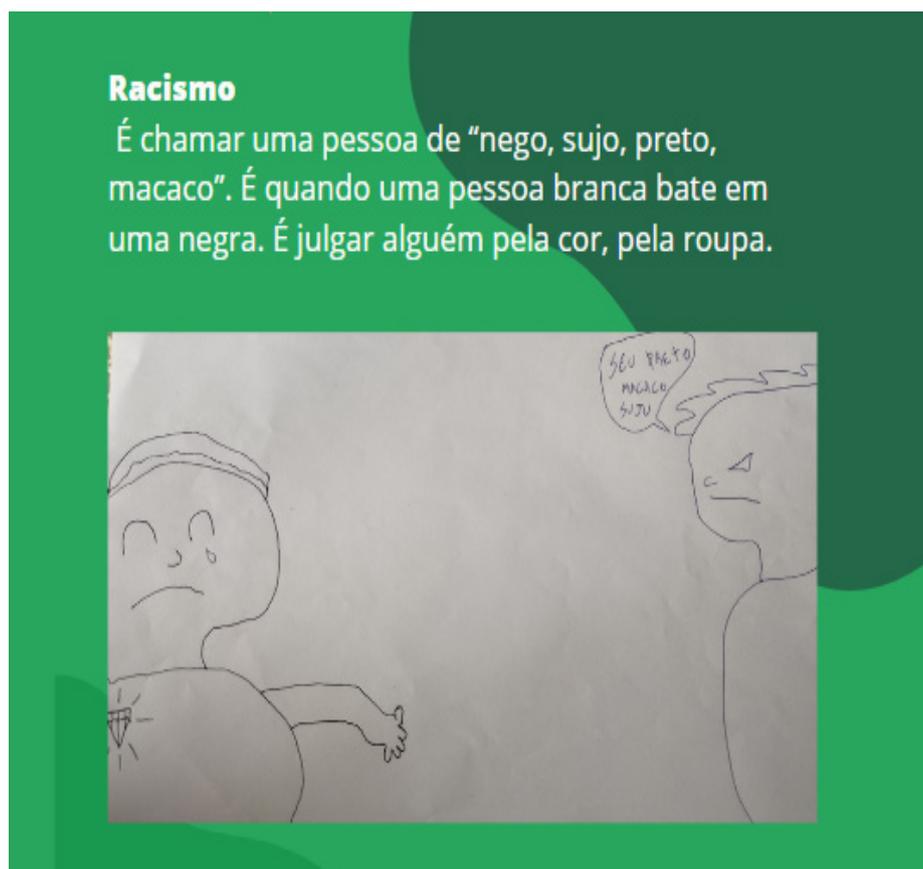
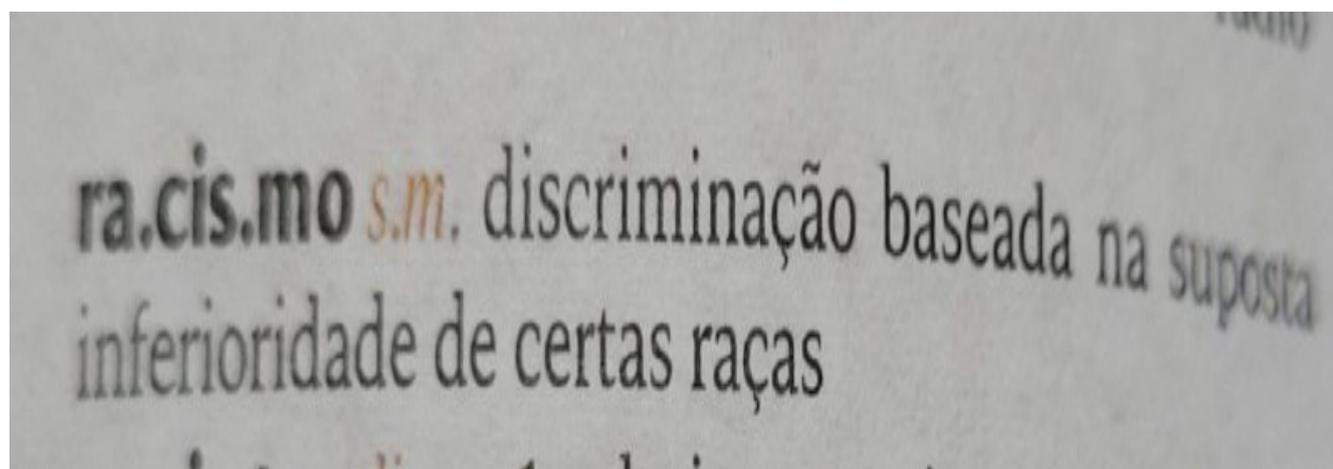


Figura 3 – Verbete racismo no Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa



lizado a eles na escola e pesquisamos o mesmo verbete. Trata-se do tradicional Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, no qual comparece a seguinte definição:

Nos chama a atenção à indeterminação que sustenta a formulação deste verbete, marcada pelas palavras “suposta” e “certas”. Tais palavras isentam o sujeito da autoria, pois se embasam em suposição e não nomeiam quais são as raças que podem sofrer essa discriminação, o que se coloca é que esse preconceito pode ser “baseado” na “suposta” inferioridade de “certas” raças.

Em contraponto, ao retomarmos a definição construída pelos alunos, temos o significado que nomeia de forma assertiva que discriminação é essa: “É quando uma pessoa branca bate em uma negra”, ou seja, diferenciando-se do significado que está no dicionário, os alunos construíram uma definição com base na realidade em que vivem, uma vez que a maioria dos alunos participantes do projeto eram negros, e, por vezes, sentiram na pele o que escreveram. Importa destacar ainda a força da nomeação do agente do racismo: a pessoa branca; bem como aquele que sofre com a discriminação: a negra. Há uma força autoral que explicita a posição do sujeito que imprime realidade ao verbete produzido na escola. Para Petri (2010):

É a noção de sujeito, dotado de inconsciente e afetado pela ideologia, que nos proporciona refletir sobre a língua e a história – na Produção de sentidos – enquanto condições indispensáveis para que se estabeleçam relações de pertencimento entre um sujeito e a nação que representa e pela qual é representado (PETRI, 2010, p. 21-22).

Ao assumirem a posição de autoria, os alunos falam desse lugar no qual estão inseridos, pessoas que estão em situação de vulnerabilidade e ressocialização, que são, em sua maioria, negras e por isso, na definição escrita, a discriminação aparece de forma mais intensa. Tratam-se

de efeitos das relações desses sujeitos com a língua, com a história e os modos singulares como respondem à interpelação ideológica. O que nos é atestado por Orlandi, quando nos ensina que:

Quando se concebe a língua – como os linguistas – enquanto sistema de formas abstratas (e não material), tem-se a transparência e o efeito de literalidade. Porém, se a concebemos – na perspectiva discursiva – como materialidade, essa materialidade linguística é o lugar da manifestação da relação de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos (ORLANDI, 2007b, p. 21).

No presente artigo, consideramos o dicionário compartilhado elaborado pelos alunos da Escola Paulo Freire uma materialidade discursiva, na qual podemos observar esses confrontos ideológicos nas definições construídas, “é chamar uma pessoa de nego, sujo, preto, macaco”. Este trecho da definição do verbete “racismo” nos permite analisar que são essas as práticas sociais experimentadas pelos alunos em seu dia a dia. Essa definição é um reflexo dessa relação de forças que eles vivem ao estar em uma posição minoritária e vulnerável, é uma representação daquilo que sofrem e vêm os demais sofrendo ao seu redor, é resultado das condições de produção adversas que os tomam diariamente.

Sobre o verbete “sonho”

Analisaremos outro verbete desenvolvido pelos alunos, nele comparece a definição da palavra “sonho”.

O que se destaca quando nos deparamos com essa definição é o fato de que sonho é várias coisas da ordem da abstração, mas é descrito também como uma necessidade física, concreta: “ter comida”. Esse verbete nos toca profundamente, pois traz à baila a fragilidade desse grupo social, afetado em suas condições de existência enquanto sujeitos. Essa definição compartilhada que foi formulada pelos alunos, nos leva a pensar na questão das formações discursivas, que,

segundo Orlandi (2007b), são as diferentes regiões que recortam o interdiscurso e refletem diferenças ideológicas, as posições dos sujeitos, bem como os seus lugares sociais. Que lugar social é esse em que sonho é ter comida? É nesse lugar de vulnerabilidade e também de resistência, no qual os alunos ocuparam uma posição de sujeito e de autoria. Essa formulação nos dá a ver a desigualdade das relações de força, explicitando os confrontos ideológicos que são frutos das condições de produção desse discurso.

Os verbetes produzidos pelo grupo têm condições de produção específicas, muitas vezes a única refeição diária que eles faziam era na escola devido à situação de alta vulnerabilidade em que vivem com seus familiares. Tal condição de precariedade e de insegurança alimentar aparece na escrita dos alunos, o que podemos considerar como uma denúncia, um pedido de socorro, um apelo aos governantes para que garantam os direitos que estão descritos na Constituição Federal.

Já no Minidicionário Houaiss, encontramos a seguinte definição:

No dicionário convencional, podemos observar que a primeira definição é “sequência de imagens produzidas pela mente durante o sono”, significado que mais circula no senso comum, e ainda assim não consta no mesmo verbete escrito pelos alunos, já que os sentidos são direcionados para a ilusão, o que se confirma com o trecho “É ir para outro país”, como um sonho distante, algo que está além do alcance da maioria. Ainda que no Minidicionário Houaiss haja uma definição de que sonho é “um doce de massa frita”, esse sentido é diferente do que está contido no vocabulário compartilhado, lá o que se destaca é o trecho “ter comida”, destacando a importância que o alimento tem nessa comunidade, mostrando que comida não é para eles, algo banal, como o nome de uma iguaria. Sonho definido pelos alunos tem a ver com o sonho já definido em outros momentos históricos, mas

ganha outros contornos quando se estabelecem as devidas relações com a exterioridade que os afeta enquanto sujeitos. Para Orlandi:

[...] todo o texto tem a ver com outros textos, existentes, possíveis ou imaginários, pois ele tem, sobretudo uma relação necessária com a exterioridade, estabelecendo assim, suas relações de sentido – e pela dispersão do sujeito – que aparece em sua descontinuidade do texto – o autor não realiza jamais o fechamento do texto, aparecendo, como diz Pêcheux, ao longo do texto pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação, ao equívoco, ao trabalho da história na língua (ORLANDI, 2007b, p. 76-77).

Entre os verbetes selecionados, é possível reconhecer esse movimento de deriva de sentidos, ainda que os autores tenham a ilusão de completude, existem as lacunas que permitem que se dê a interpretação de diferentes sentidos em uma determinada definição. A constituição dos sentidos ocorre em relação ao interdiscurso, mas como coloca Orlandi (2007b), não temos acesso direto ao interdiscurso, é na formulação que ele se mostra, é no intradiscurso que pode ser observado e analisado.

Considerações finais

Os verbetes que selecionamos para essa escrita – “racismo” e “sonho” – são apenas uma parte das 36 palavras que tiveram suas definições desenvolvidas pelos alunos da Escola Paulo Freire, mas é através dos verbetes escolhidos que buscamos analisar esse contraste que existe e que aparece nas materialidades discursivas que foram produzidas por eles e abordadas no presente trabalho. O Projeto Vivências deu voz aos alunos, ensinou a noção de autoria e os fez ocupar esse lugar de cidadania no mundo, explicitando a importância do que eles experimentam na vida e o quanto é importante para a sociedade conhecê-los. É preciso tomar uma posição para existir e trabalhar para transformar a sociedade e torná-la um lugar melhor.

Figura 4 – Verbete “sonho” do livreto “Vivências...”

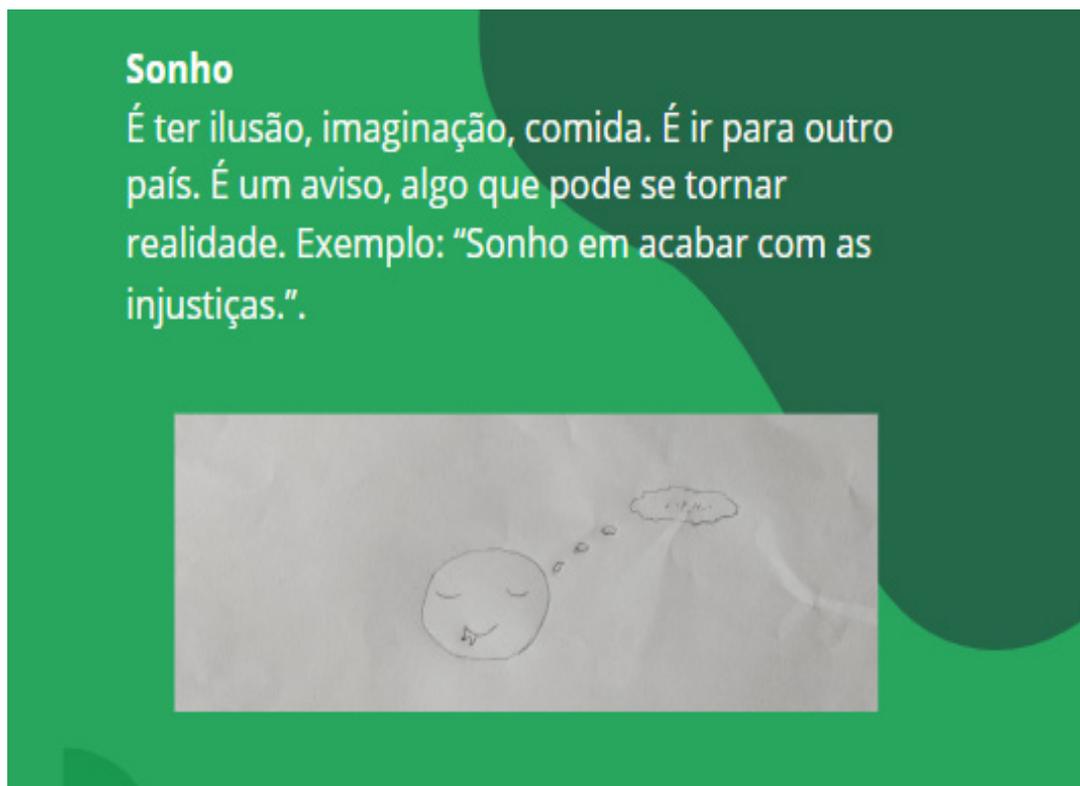
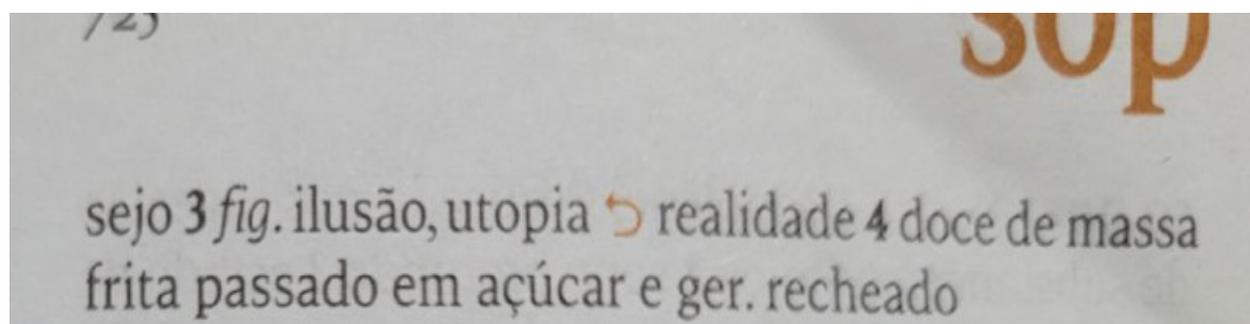
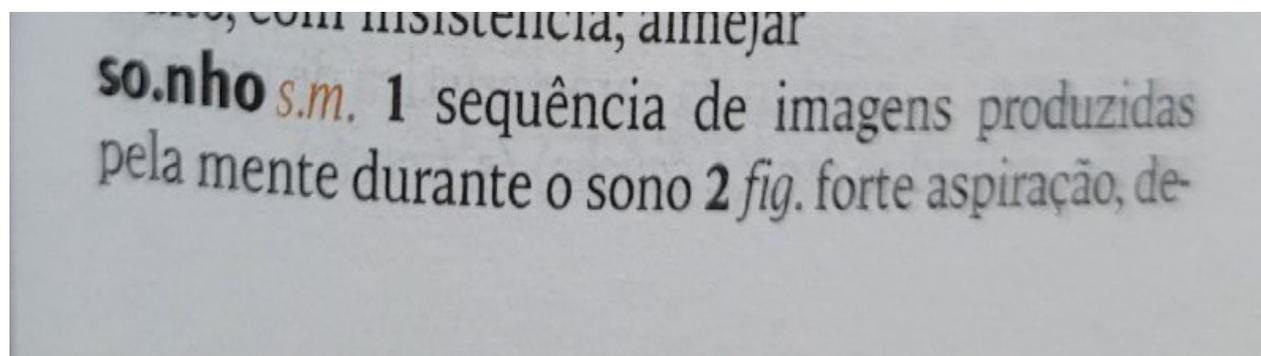


Figura 5 – verbete “sonho” no Minidicionário Houaiss



Enquanto a palavra “racismo”, no livreto construído pelo projeto, carrega a vivência daqueles autores que produziram a definição, o minidicionário produz um certo apagamento do racismo sofrido pelos negros em nosso país ao não mencionar em sua primeira definição esse sentido que tão bem nossa sociedade conhece desde os tempos da escravidão. É nessa brecha que identificamos a importância da autoria, da voz das pessoas que diariamente sofrem, e tem contato com essa realidade do racismo contra os negros, o que podemos ver até mesmo na ilustração construída pelos estudantes, na qual a pessoa negra tem uma expressão triste no rosto ao ser ofendida.

A palavra “sonho” também é construída de maneira diferente pelos alunos. Na autoria deles, o que se torna sonho é ter a comida, definição diferente da que é conhecida na maioria das vezes, em que o sonho representa uma ilusão, algo que se quer alcançar, mas da ordem da abstração. Ou seja, para esses alunos, é a comida que é um objetivo a alcançar, o que escancara, além da diferença das definições do minidicionário, a desigualdade social que permeia as diferentes camadas da nossa sociedade.

Portanto, destacamos ao final da análise que propomos no presente artigo, a importância de incentivar a tomada da posição de autoria por alunos em situação de vulnerabilidade, como é a realidade dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Paulo Freire. É preciso oferecer esse espaço de descoberta da voz que eles possuem, cumprindo também um papel social na formação desses alunos através da construção de verbetes em suas palavras. O processo de desconstrução da ideia de que todos os sentidos estão no dicionário é uma tarefa árdua, todavia, é igualmente gratificante ensinar aos alunos que suas palavras também importam e que os lugares de onde falam são pertinentes em nossa sociedade. Nas palavras de Orlandi (2007a, p.71), “o incompleto na linguagem é o lugar do possível, é a condição dos movimentos dos sentidos e dos sujeitos”, nos levando a pen-

sar que cada verbe contido no livreto construído no Projeto Vivências é resultado desse movimento de sentidos e também dos sujeitos que tratamos aqui, os alunos da escola Paulo Freire e suas experiências de vida na e para além dos muros da instituição em que estudam. É papel da Universidade estar em diálogo com a Escola, e o presente trabalho demonstra que é possível que nossas pesquisas ressoem no “chão da escola” e que o saber se dissemine na sociedade, promovendo outros lugares de fala e a formação de cidadãos com os direitos garantidos na Constituição Federal.

REFERÊNCIAS

BLAZUS, C. B. Dicionário compartilhado: um encontro entre escrita, análise de discurso e psicanálise. Curitiba, PR: Appris, 2019.

HOUAISS, A. Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa / [Antônio Houaiss e Mauro Salles Villar; elaborado no instituto Houaiss de lexicografia e banco de dados da Língua Portuguesa] 4. ed. rev. e aumentada – Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ORLANDI, E. Interpretação: autoria, leitura, e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007a.

_____. As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos. 6. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007b.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi e Grciely Costa. Campinas, SP: Pontes Editores, [1969] 2019.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi. Campinas / SP: Editora da UNICAMP, [1975] 1995.

PETRI, V. Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos. Santa Maria: PPGL-Editores, 2010.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e

política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo:
Editora 34, 2005.

Submissão: maio e 2023.

Aceite: maio de 2023.